AS IDENTIDADES CONSTRUÍDAS POR MEIO DAS NARRATIVAS DOS MIGRANTES NO CERRADO SUL MARANHENSE DESDE A DÉCADA DE 1970

Geovana da Sila Abreu[1]

Geysle Pereira Carvalho[2]

Marta Helena Facco Piovesan[3]

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte de pesquisas produzidas pelo Programa de Iniciação Científica da UEMA/ Universidade Estadual do Maranhão, do PPG (Programa de Pós-Graduação da UEMA), da FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão) e do Grupo PLANI (Grupo de Pesquisas em Linguística Aplicada: Entre Narrativas e Identidades- CNPq) em que Professores e Acadêmicos do Departamento de Letras Campus Balsas fazem parte e onde já se desenvolveram inúmeras pesquisas no âmbito da investigação linguística consolidando a produção científica voltada à compreensão das práticas discursivas, das narrativas e das identidades que constituem o cenário sociocultural maranhense.

Conhecer e respeitar as origens de um povo é garantir e proteger sua identidade, proporcionando a valorização de sua história, contribuindo para a sua sobrevivência. Ao investigar os processos identitários de uma sociedade, permitimos que cada geração estabeleça vínculos com as gerações anteriores, preservando o passado como um guia que serve de orientação para enfrentar as incertezas do presente e do futuro e para conservar viva na memória as nossas origens.

Partindo da premissa de que narrativas e identidades emergem de contextos sociais espontâneos e de que a discursividade constitui uma lente privilegiada para investigar práticas sociais e experiências pessoais, a presente pesquisa, de caráter interpretativo-qualitativo, visa analisar as identidades construídas por migrantes que chegaram a Balsas, cidade localizada no Sul do Maranhão, na região do Cerrado maranhense, entre as décadas de 1970 e 1990. Esse período corresponde ao recorte temporal da pesquisa e ao momento de intensificação dos fluxos migratórios para a região. Compreender as trajetórias desses sujeitos em um contexto marcado por diferentes ciclos migratórios recentes significa reconhecê-los como protagonistas de suas próprias histórias e experiências, valorizando as narrativas por meio das quais atribuem sentidos aos processos de deslocamento, adaptação e construção identitária.

Centra-se a pesquisa na investigação de narrativas como um instrumento de análise da produção discursiva com o intuito de investigar como os narradores, migrantes, que chegaram a Balsas- MA, constroem discursivamente suas identidades a partir do processo migratório que teve lugar na região. Os sentidos das narrativas estão contidos nas histórias que são contadas, nas memórias que conectam o presente e o passado e imagens que delas são construídas (Hall, 2006). Segundo De Fina (2015), as narrativas são vistas como o principal veículo para a expressão da identidade, pois as histórias que contamos revelam o que somos.

Para isso precisa se entender o processo de colonização da região Sul Maranhense, conhecida como região de Pastos Bons, que apresentou aspectos particulares em relação a

1 Discente em Letras, Universidade Estadual do Maranhão. Email:Geovanadasilvaabreu@gmail.com
2 Discente em Letras, Universidade Estadual do Maranhão. Email:carvalhogeysle@gmail.com
3 Doutora em Linguística Aplicada, Docente do Departamento Letras Campus Balsas da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: martahpiovesan@hotmail.com

outros processos que se desenvolveram em outras áreas maranhenses ocupadas a partir da corrente povoadora originada no litoral. Segundo Socorro Cabral (1992), essas duas linhas de povoamento, uma iniciada no litoral e outra oriunda do interior nordestino, seguiram caminhos distintos de exploração econômica e padrões de comportamento. A ocupação dos sertões iniciou tardiamente, em relação ao movimento expansionista que avançou de São Luís com apoio direto do Estado português. O povoamento decorreu da expansão da frente pastoril baiana que, expandindo-se pelo interior, atingiu a região, a partir de 1730. A iniciativa particular foi dominante na fase inicial de atuação dessa experiência colonizadora, que resultou na formação de grandes propriedades, fazendas de gado bovino de caráter extensivo.

A historiografia maranhense sempre privilegiou as regiões ligadas à linha litorânea como as invasões francesa e holandesa, a Revolta de Beckman, as Reformas pombalinas, mas muito pouco sobre o Sertão de Pastos Bons, cuja colonização apresentou aspectos particulares em relação às demais regiões. "A reconstituição da identidade maranhense implica, portanto, na apreensão desses dois amplos movimentos colonizadores com tendências e encaminhamentos próprios" (Cabral, 1992, p.21).

A região sul-maranhense não é a do açúcar, das invasões, do algodão e do litoral, mas a sua origem partiu do interior do rio São Francisco e se espalhou pelos Sertões de Pasto Bons. Podemos afirmar que a identidade histórica maranhense foi construída a partir de um referencial que contemplou apenas as áreas com origem no litoral, constituindo-se numa visão homogeneizada da história maranhense. O discurso historiográfico, ao generalizar para todo o Maranhão, "uma história que se restringe apenas a determinadas regiões, tendeu a uniformizar os diferentes espaços historicamente constituídos que compõem o Maranhão colonial" (Cabral, 1992, p.22).

A região Sul do Maranhão, no início do século XVIII, era habitada apenas por tribos indígenas que foram dizimadas ou expulsas da região a partir de 1730, quando se deu a expansão da frente pastoril baiana que resultou na formação de grandes propriedades de gado bovino de caráter extensivo (Coelho Neto, 1979). A formação social constituída na região de Balsas, deu-se por diferentes grupos, oriundos de diferentes lugares, influenciados por fatores externos, econômicos e sociais que ocasionaram um fluxo migratório que fez constituir o espaço designado Sertão do Sul do Maranhão e seus sujeitos constituidores da região.

A partir de 1970, registrou-se na região sul-maranhense um grande número de migrantes vindos de diversas partes do Brasil, atraídos pelas terras férteis, dentre eles muitos agricultores sulistas, principalmente gaúchos. Segundo dados do IBGE (2016), a população balsense passou de 19.385 habitantes em 1970 para 93.511 em 2016, tendo uma migração ininterrupta ao longo de mais de cinco décadas, ocorrido o seu auge entre os anos de 2000 a 2007.

No entrecruzamento de pessoas, em decorrência do processo migratório, emergiu uma sociedade e a partir daí surgiram questionamentos e a necessidade de explicar essas transformações: quem é esse povo formado por tantos? É possível traçar uma identidade balsense? Como as identidades são construídas linguística e textualmente nas narrativas? Para procurar respostas a essas indagações e analisar todo esse processo que deu origem à cidade de Balsas com o encontro de muitas pessoas vindas de diversos lugares, em diferentes tempos e situações, optamos pela pesquisa que investiga a construção de narrativas, importante instrumento para analisar a produção discursiva e a construção de identidades dos participantes. Assim surge a pergunta da pesquisa: como as identidades dos migrantes **são construídas linguística e textualmente nas narrativas?**

Os instrumentos linguísticos para análise também se modernizaram e surgiram conceitos, teorias e combinações passíveis para analisar narrativas orais e identidades circunscritas na linguística, com mecanismos linguístico-discursivos que agem sob as repercussões da uma nova ordem social na constituição dos indivíduos.

Sendo assim, destacamos a relevância de pesquisar as narrativas para entender os processos sociais que envolvem a migração do Cerrado Sul Maranhense. O discurso narrativo é

particularmente esclarecedor sobre as maneiras pelas quais os migrantes representam o processo de migração e a si mesmos. Assim, esta pesquisa não apenas descreve aspectos da identidade dos migrantes, mas também defende uma abordagem discursiva de identidade.

As práticas conversacionais constituem um *locus* privilegiado para investigar a natureza linguístico-discursiva, bem como fenômenos de ordem social e semântica imbricados no entendimento das relações entre linguagem e organização social. Dessa forma, utiliza-se a Análise da Conversação, um arcabouço teórico que sustenta o presente projeto de pesquisa para analisar como as identidades emergem nas narrativas orais circunscritas na linguística textual.

Essa pesquisa torna-se importante para a região e para todos os registros maranhense, pois, a partir das migrações, Balsas tornou-se uma fronteira agrícola quando o cerrado, um ecossistema considerado improdutivo, uma área considerada imprópria para a agricultura, tornou-se um bioma produtivo assumindo hoje seu status de um dos maiores produtores de alimentos. Embora os processos migratórios sempre tenham existido, no presente eles têm novos significados e consequências, pois envolvem processos que se diferem das migrações em outros períodos históricos.

Essa pesquisa envolve estudos de narrativa em contextos situacionais e culturais variados e adota tendências recentes na análise narrativa, como análise de posicionamento e orientações socioculturais, contribuindo para um novo paradigma que aborda as narrativas não simplesmente como textos, mas sim como práticas comunicativas complexas intimamente ligadas à produção da vida social. Além disso, decorre do caráter analítico-discursivo que prioriza a análise da discursividade das narrativas, possibilitando, dessa forma, uma discussão que é imprescindível para a visibilidade da região que desconhece as suas construções identitárias e a multiplicidade de sentidos que se estabeleceram, até mesmo silenciosamente, provenientes do processo migratório.

METODOLOGIA

A abordagem teórico-analítica a ser utilizada neste estudo é da Análise de Narrativas conforme Jovchelovitch; Bauer (2002); Bastos; Santos, (2013); Bamberg, (2004); De Fina; Georgakopolou (2012), tendo como arcabouços teóricos os estudos de identidades (Hall, 2006) e da Análise da Conversação (Marcuschi, 2003). A presente pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista, assumindo uma perspectiva em que as identidades vão sendo construídas e produzidas localmente e passam a ser entendidas como uma situação social de coconstrução em que o corpus é gerado a partir de entrevistas narrativas consideradas como instrumento dinâmico, flexível e significativo. Assim, o entrevistado não é visto como a fonte de informações a serem objetivamente coletadas e analisadas, mas como alguém que coconstrói com o entrevistador o discurso produzido na situação de entrevista; situação essa que se faz cada vez mais presente na vida social contemporânea (Bastos; Santos, 2013).

A pesquisa qualitativa é muito utilizada por pesquisadores na contemporaneidade, e o emprego de narrativas na investigação social tem sido uma técnica específica de geração de dados, principalmente quando se trata de uma pesquisa social que exige uma análise sistemática apoiada em dados sobre o mundo social e os resultados são construídos nos processos de comunicação (Jovchelovitch; Bauer, 2002).

A entrevista narrativa segue o modelo de Jovchelovitch; Bauer (2002) e Bamberg (2004) em que as análises se centram na compreensão daquilo que é narrado, em particular do texto e do contexto, apontando para tendências a se observar aspectos relativos à construção de identidades em um evento comunicativo (Flannery, 2011). É um método de pesquisa para além do esquema pergunta-resposta, centra-se na relação sujeito/objeto que brota da comparação da perspectiva do autor e da perspectiva do observador, dentro de um contexto mais amplo para se ter a visão de como os acontecimentos se relacionam com as pessoas que os experienciam. A narração é então construída na base de provocações específicas e, uma vez que os participantes

tenham começado a contar as suas histórias, irão sustentar o fluxo da narração, fundamentando-se em regras tácitas subjacentes. Segundo Rollemberg (2013), nessa perspectiva de pesquisa, recomenda-se que se explique ao entrevistado o propósito da entrevista. Não se trata de uma pergunta fechada, mas, sim, de uma abertura que possa também funcionar no empoderamento do entrevistado, na medida em que ele terá mais informações sobre a situação de comunicação em que se encontra, de forma a ter condições de melhor se posicionar nela. As narrativas trazem à tona perspectivas ricas, detalhadas e muitas vezes pessoais dos migrantes e um recurso valioso para investigar os fenômenos identitários.

As entrevistas narrativas são conduzidas pelo entrevistador de forma a levar o entrevistado a elaborar uma resposta que venha ao encontro de uma suposição teórica prévia. Ao assumir esse posicionamento, a pergunta feita pelo pesquisador e a resposta dada pelo entrevistado devem ser compreendidas (pelo pesquisador/analista) como construções discursivas coparticipativas. Dessa forma o pesquisador interage na construção narrativa do entrevistado para analisar e compreender melhor a experiência como é contada. Esse método, também chamado de entrevista aberta, é utilizado quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão. Ele é utilizado geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos (Minayo, 1993). A entrevista não teria, portanto, o objetivo de fornecer respostas a perguntas específicas, nem mesmo o de testar hipóteses ou avaliar algo específico, mas buscar tentativas de compreender a experiência das pessoas e os significados que elas atribuem para essas experiências. Mondada (1997, p. 59) explica que a entrevista deve ser entendida como "um acontecimento comunicativo no qual os interlocutores, incluído o pesquisador, constroem coletivamente uma versão do mundo".

Essa abordagem leva a discussões fomentadas pela Análise da Conversação, baseando-se em uma perspectiva construcionista de atores-sociais que visa a investigar a elaboração das narrativas, a partir da construção tópica das histórias de vida, examinando o desenvolvimento dessas narrativas e coconstruções sociais na interação (Linde, 1993). Essa abordagem teórica fundamentada propiciou a observação de fenômenos linguístico-discursivos que contribuíram para a construção da identidade dos pesquisados.

Após a geração de dados com a gravação das histórias dos participantes da pesquisa, fez-se a transcrição dos dados a partir de orientações da Análise da Conversação segundo Marcuschi (2003). Os marcadores conversacionais característicos de uma comunicação informal e organizada são elementos que auxiliam no andamento da conversação, indicando contexto, direcionamento, contribuindo para a utilização de ferramentas teóricas que auxiliam na prática interpretativa.

Foram realizadas entrevistas com oito migrantes sulistas que chegaram a Balsas, no sul do Maranhão, entre as décadas de 1970 a 1990. Desses participantes, quatro se estabeleceram na região entre as décadas de 1970 e 1980, e outros quatro chegaram entre as décadas de 1980 e 1990. O grupo foi composto por quatro mulheres e quatro homens, possibilitando a análise de diferentes experiências migratórias e processos de construção identitária vivenciados no contexto da ocupação e do desenvolvimento socioeconômico da região.

As transcrições foram organizadas em categorias temáticas, agrupando os relatos em eixos e essa categorização permitiu uma visão mais estruturada das diferentes dimensões do processo migratório. Categorias analíticas do corpus: 1- Memória da migração – associada às lembranças da partida e dos deslocamentos (Penna, 2006); 2- Adaptação ao novo contexto – marcada pelas dificuldades de inserção no território (De Fina, 2003); 3- Sentimento de pertencimento – relacionado às redes sociais, espaços simbólicos e reconhecimento; 4 - Construção identitária – dimensão discursiva da identidade, segundo Hall (2006), que emerge na narrativa.

A Análise da Conversação possibilitará trazer elementos linguísticos que permitam ver textualmente as identidades emergirem nas narrativas. Quando se utiliza a linguagem para produzir/construir discursos, os sujeitos falantes de uma língua estabelecem sentidos que

tecem uma rede de informações e conhecimentos relacionados a fatores históricos, geográficos, culturais, sociais etc., permeados de ideologias. Não existe discurso neutro e no processo de construção de narrativas identitárias o indivíduo ganha autonomia, pois em vez de objeto de uma dada identidade passa a ser sujeito, pois cabe a ele produzir a sua história.

A análise detalhada do discurso é como uma lupa na medida em que ilumina a maneira como os itens linguísticos e as estratégias empregadas pelos indivíduos fazem parte de um repertório de recursos compartilhados pelas comunidades. É por meio do estudo de instâncias discursivas situadas que os significados culturais e sociais se tornam aparentes para o analista.

No que tange aos sujeitos participantes, utilizaram-se narrativas de dois grupos de participantes: primeiramente migrantes que chegaram a Balsas -MA nas décadas de 1970 a 1980 oriundos do Rio Grande do Sul, que desbravaram a região ainda desconhecida e iniciaram a plantação de soja e outros cereais no cerrado; o segundo grupo, migrantes que chegaram a Balsas entre 1980 a 1990, um grupo mais jovem, mas que também vivenciou as mudanças ocorridas no entrecruzamento de várias culturas, considerando que as histórias de vida são unidades discursivas em que podemos construir o nosso autorretrato ou nossas identidades (Linde, 1993) e por meio da análise de narrativas, pode-se estudar tópicos e contextos mais amplos (Flick, 2009). A delimitação dos participantes esteve vinculada aos propósitos da pesquisa, partindo de quatro entrevistados de cada etapa para organizar um banco de dados que forneceu subsídios necessários para a análise qualitativa. Para se obter uma narrativa natural, muitas vezes, não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado (Bourdieu, 1999). A pesquisa qualitativa/interpretativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais (Flick,2009, p,37) com entrevistas abertas, apontando para um trabalho interativo no processo em que o papel do entrevistador não é neutro e os entrevistados trazem também sua agenda e seus próprios objetivos, sinalizados em respostas dadas às perguntas ou em outras formas de participação (Modan, 2011). Na pesquisa social, estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros.

A partir do aceite do projeto pelas instâncias competentes, procedeu-se a entrada em campo que foi cercada por cuidados éticos, a fim de preservar todos os participantes. Quando se faz pesquisa que envolve pessoas, é importante que se prime pela conduta ética, nesse sentido, assegurou-se a atenção para com as dúvidas e desejos dos participantes, bem como para a preservação das suas identidades durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas analisadas nessa pesquisa foram divididas em tópicos temáticos que evidenciam a forma como cada migrante organiza sua experiência e estabelece sentidos sobre si mesmo. Como afirma De Fina (2003, p. 28), os discursos funcionam como um domínio intertextual, que dialoga diretamente com as narrativas e os argumentos construídos pelos entrevistados.

Essa etapa de análise do corpus não tem como objetivo apenas ilustrar relatos, mas compreender, a partir dos recursos linguísticos e discursivos mobilizados pelos participantes, os sentidos atribuídos à experiência migratória. A investigação das marcas identitárias se baseia na compreensão de que a identidade é relacional, dinâmica e construída no e pelo discurso Hall (2006), sendo expressa por meio de escolhas linguísticas, posicionamentos enunciativos, recursos de temporalidade e uso de pronomes que indicam inclusão, exclusão ou pertencimento. Com isso, pretende-se evidenciar de que modo os sujeitos se posicionam e (re)constroem suas identidades entre o "lá" de origem e o "aqui" da nova realidade.

As memórias da migração guardam lembranças importantes: como era o lugar de origem, o que motivou a viagem e como foi a chegada ao novo destino. Depois vem a adaptação

ao novo contexto, quando o migrante precisa aprender e se acostumar com o modo de vida local, conciliando os costumes que trouxe com aqueles que encontra no novo lugar. Com o tempo, surge o sentimento de pertencimento, que é quando a pessoa começa a se sentir parte da comunidade, criando laços e relações que fortalecem sua vida no local.

A construção identitária é o elemento que conecta todas essas etapas da experiência migratória. Ela evidencia como os sujeitos vão se constituindo ao longo de suas trajetórias, articulando referências do passado às novas vivências e experiências encontradas no presente. Nesse contexto, as narrativas dos oito entrevistados — quatro migrantes que chegaram ao sul do Maranhão entre as décadas de 1970 e 1980 e quatro que se estabeleceram na região entre as décadas de 1980 e 1990 — revelam diferentes processos de adaptação, pertencimento e ressignificação de identidades.

Memórias da Migração

As análises iniciais tratam das memórias da migração e das dificuldades enfrentadas pelos migrantes nos deslocamentos de sua terra natal. O migrante deixa a terra natal sempre em busca de uma vida melhor. Conforme Penna (2006, p. 89), sem dúvida muitos migrantes podem vivenciar a sua trajetória em termos de variadas perdas, e este sentimento doloroso pode fazer parte de sua experiência".

A discussão que se segue tem por base a entrevista narrativa de uma migrante que chegou a Balsas na década de 1970 a 1980 e seus discursos expressam como os entrevistados elaboram as suas histórias através da linguagem e como as experiências e memórias são resgatadas.

Excerto 1

186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199	Laura	Sim... a gente enfrentou m:::uita dificuldade... não dá para negar... tanto é que chegamos aqui em Balsas em março não é... 8 de março...em dezembro voltei para o sul... já tudo encaminhado... fui para neurologista... estava com depressão... mas... assim... não desacreditei da nossa aventura de vir para cá acreditando que poderia dar certo... não é? é::: a gente... o que contribuiu muito para a adaptação aqui foi o movimentos de igreja... foi assim o início de uma nova caminhada...nós participamos na época... Dom Rino... Dom Franco... que depois foi Dom Franco... na época era padre Franco... deram muito incentivo para a gente... muito apoio também... a primeira casa era dos padres... aí uma casa grande... a gente teve que se adaptar ao novo ambiente e tudo mais... bom... essa entrada para esse início novo... início da igreja... deu muita força... muito incentivo... porque fizemos novas amizades... novas pessoas... novos casais de vários estados do Brasil que vinham para cá... para... da mesma forma que a gente... com as mesmas intenções... né? e aí a gente além de fazer....

Fonte: Grupo de Pesquisa PLANI (2024)

De Fina (2003) explica que a migração causa um impacto econômico, social e psicológico. No excerto 1, Dona Laura relembra com emoção e as dificuldades que enfrentou ao se mudar

para Balsas. A adaptação não foi fácil. Longe do que conhecia, ela e sua família tiveram que encarar não apenas os desafios de um novo ambiente, mas também o peso emocional da mudança. O impacto foi tão grande que, meses depois, em dezembro, ela precisou voltar ao sul para buscar ajuda médica. O diagnóstico de depressão revelou o quão profunda foi essa transição. Ainda assim, Dona Laura nunca perdeu a esperança de que sua escolha poderia dar certo.

No excerto 1, na linha 186, Dona Laura expressa por meio de um alongamento o seu sentimento de dificuldades "a gente enfrentou m:::uita dificuldade". Como afirma De Fina (2003) não podemos compreender e compartilhar experiências se não as expressarmos linguisticamente.

A moradia inicial, uma casa grande pertencente aos padres, trouxe outro desafio a necessidade de se sentir em casa em um lugar que ainda era desconhecido. No entanto, foi justamente nesse momento difícil que ela encontrou um alívio inesperado o acolhimento da igreja. O apoio de figuras como Dom Rino e Dom Franco, bispos de Balsas, assim como a convivência com outros casais que também haviam chegado de diferentes partes do Brasil, trouxe conforto e um novo sentido de pertencimento. Dessa forma, o que poderia ter sido apenas um período de dificuldades transformou-se, aos poucos, em um recomeço. Entre desafios e superações, Dona Laura descobriu que não estava sozinha como podemos ver na linha 197 "... porque fizemos novas amizades... novas pessoas... novos casais de vários estados do Brasil que vinham para cá... para... da mesma forma que a gente...".

A depressão entre migrantes pode ser compreendida como uma consequência do distanciamento de sua terra natal, processo que implica a ruptura de laços afetivos, culturais e identitários. O deslocamento, ao mesmo tempo em que abre oportunidades, provoca sentimento de perda e de descontinuidade, pois o migrante é afastado de seu ambiente de pertencimento e de suas redes de apoio. Quando associado a dificuldades de adaptação no novo espaço social como precarização do trabalho, isolamento e ausência de políticas de acolhimento, esse distanciamento pode intensificar quadros de tristeza profunda e levar ao desenvolvimento de sintomas depressivos. Assim, a migração evidencia não apenas transformações materiais, mas também impactos significativos na saúde mental dos sujeitos envolvidos.

As memórias de migração constituem um importante elemento na construção identitária dos sujeitos, pois permitem que experiências passadas sejam revisitadas, reinterpretadas e inseridas em uma narrativa coerente sobre a própria trajetória. Essas lembranças, muitas vezes carregadas de detalhes sensoriais, emocionais e contextuais, revelam não apenas fatos, mas também percepções e significados atribuídos ao vivido. No caso dos migrantes entrevistados, as memórias envolvem tanto os eventos marcantes da chegada quanto as condições materiais e sociais encontradas no novo espaço, refletindo o impacto da mudança geográfica e cultural como se constata no Excerto 2.

Excerto 2

98	Marta	e quando você veio com seu marido e os filhos... já tinha asfalto aqui em Balsas?
99 100 101 102 103 104	Bia	não...nem da cidade... nem para chegar aqui não tinha asfalto... de Carolina para cá... que a gente passava a balsas não tinha asfalto... nada... nada... nada... e daqui até Mangabeira não tinha asfalto nem dentro da cidade não tinha... e as ruas todas estreitas...na hora que estava andando de carro era uma dificuldade que estava indo e tinha uns buracos e não conseguia ir... tinha que fazer a volta... ai... a rua pequena estreita... nossa. para passar em cima daquela ponte de madeira ali que medo que eu tinha de passar em cima daquela ponte estreitinha para ir para Trezidela...

Fonte: Grupo de Pesquisa PLANI (2025).

Nesse excerto 2, Bia descreve a precariedade da infraestrutura viária de Balsas e arredores, essa entrevistada chegou a Balsas na década de 1980 a 1990.

O marcador "não... nem" , na linha 100, funciona como recurso de reforço negativo, enfatizando a ausência de asfalto. A repetição de "nada... nada... nada", nas linhas 101-102, intensifica a ideia de carência. O marcador interjetivo "nossa", na linha 107, expressa emoção e surpresa, transmitindo subjetividade. O conector "aí", na linha 106, encadeia os eventos, dando progressão à narrativa. O marcador temporal "na hora que" , na linha 105, situa a cena vivida, funcionando como recurso de orientação.

Na estrutura narrativa, a narradora se posiciona no espaço "de Carolina para cá..." e enfatiza a as dificuldades de locomoção "buracos... não conseguia ir... medo da ponte". Nesse ponto na narrativa, ao utilizar a expressão "medo", reforça a memória das dificuldades como parte da experiência migratória.

Portanto, as memórias de migração não se limitam ao registro de dificuldades ou à enumeração de obstáculos enfrentados. Elas atuam como narrativas de resistência e ressignificação, nas quais os sujeitos reelaboram sua trajetória, inserindo-a em um quadro maior de deslocamentos, transformações sociais e construção de identidades no Cerrado maranhense. Assim, lembrar não é apenas reviver, mas reconstituir sentidos, costurando experiência individual, memória coletiva e identidade cultural.

Adaptação ao Novo Contexto

A adaptação ao novo espaço foi narrada de forma intensa pelos migrantes entrevistados, revelando tanto as dificuldades enfrentadas quanto os processos de ressignificação cultural vividos. No início, aspectos do cotidiano simples tornaram-se desafiadores.

Excerto 3

675		Túlio	encontrei uma vez você se escondendo pra chorar
676		Marta	é mesmo seu Túlio?
677 678 679 680 681 682 683		Celina	eu e a minha cunhada né... a gente se escondia pra chorar... porque num lugar a gente acostumava com uma casa boa aí vim morar numa casa de chão... tá que eu me criei numa casa de chão também... mas vim morar numa casa de chão... coberta de palha... cobra que tinha em redor... nós matamos muita cobra... cascavel... muita cobra em redor da casa... meus filhos ali... a preocupação foi grande... mas... não tinha o que fazer... voltar fazer o quê... o jeito era... continuar aguentar e continuar... e graças a deus

Fonte: Grupo de Pesquisa PLANI (2024)

Tais relatos evidenciam a dureza da adaptação inicial, marcada pela precariedade, pelo esforço contínuo e pelo sentimento de perda, o que se aproxima da análise de Penna (2006), ao considerar que a migração frequentemente é vivida em termos de perdas e desenraizamento. No entanto, ao mesmo tempo em que revelam a fragilidade das condições de vida, esses testemunhos também evidenciam a resistência e a agência dos sujeitos diante da adversidade. Essas dificuldades são reafirmadas no discurso de Celina, na linha 680 "mas vim morar numa casa de chão... coberta de palha... cobra que tinha em redor... nós matamos muita cobra... cascavel... muita cobra em redor da casa... meus filhos ali... a preocupação foi grande... mas... não tinha o que fazer... voltar... fazer o quê... o jeito era... continuar... aguentar e continuar".

Como observa Pena (2006), a experiência migratória é atravessada pela tensão entre sofrimento e esperança, em que o ato de permanecer e resistir se torna também uma forma de afirmação de existência. Desse modo, a migração, ainda que marcada por privações, é igualmente espaço de produção de estratégias de sobrevivência e reconstrução de sentidos coletivos.

No excerto 4, por meio da sua narrativa, Ana, que migrou na década de 1980 a 1990, resgata sua experiência pessoal e social, através da linguagem. Assim explica Pena (2006, p.90) "No entanto, a linguagem não apenas expressa a experiência, mas antes a constitui, pois é através dela que o migrante constrói uma representação da própria vida, dando-lhe significado".

Excerto 4

268 269 270 271 272 273 274 275 276 277	Ana	Olha... deixar a minha terra... até hoje eu choro... quando eu estou descendo... eu... a... a Serra do Rio Uruguai que atravessa o Rio Uruguai para Santa Catarina... eu choro quando eu olho a minha terra... é... eu tenho muito apego à minha cultura e à minha terra né? mas eu... eu falo para você que quando eu cheguei aqui eu me encantei com as pessoas... não é... com a simplicidade das pessoas... são muito simples né? na sua simplicidade nos tratam muito bem... eu falo assim todo o ano... quase todo ano eu vou para o Rio Grande né? a gente vai ver os amigos... os parentes... que nós temos lá... mas dizer assim... ah... você quando eu chego lá eu tenho saudade daqui... é... quando eu chego lá eu tenho saudade daqui... e quando eu chego aqui... eu tenho saudade de lá né?

Fonte: Grupo de Pesquisa PLANI (2024)

Neste excerto, a migração de Ana é marcada pela contraposição entre a saudade de sua terra natal e o encantamento pelo novo lugar. Ela expressa, de forma emotiva, que sente "muita saudade" quando deixou sua terra, mas ao mesmo tempo, ao chegar no Maranhão, encontra um ambiente acolhedor e simples, que lhe oferece um novo sentido de pertencimento. A maneira como ela descreve a saudade da terra natal, ao mesmo tempo em que sente saudade do Maranhão, indica o processo de adaptação e a criação de vínculos emocionais com o novo lugar, ao ponto de já se sentir dividida entre duas identidades e dois laços afetivos. Esse fragmento ilustra como a migração não significa um rompimento total com o passado, mas a formação de uma memória híbrida, onde os marcadores discursivos o "aqui" e o "lá" coexistem e se interpenetram na vida do migrante. Há uma referencialidade de espaço que destaca o desenraizamento do migrante. A fala de Ana expressa uma convivência entre o apego à cultura de origem e a construção de uma nova relação com o lugar que se tornou sua casa.

Sentimento de Pertencimento

O sentimento de pertencimento emerge nas narrativas como elemento central da constituição identitária dos migrantes e de seus descendentes. Como destacam Piovesan e Mira (2020, p.147), "pertencer a um território envolve muito mais do que nascer e morar nele, envolve, acima de tudo, o estabelecimento de relações sociais e a construção de uma identidade regional". Esse pertencimento se manifesta nos discursos dos entrevistados, que demonstram vínculos afetivos com o lugar e rejeição da possibilidade de retorno definitivo à terra de origem.

Excerto 5

960 961 962 963 964	Marina	eu não sei... mas eu sou mais... porque eu vivi só 18 anos no Rio Grande do Sul... o resto da minha vida... eu tenho 70 anos... bem dizer que eu vou completar agora no dia 28 de dezembro... eu vou completar 70 anos... ninguém disse que ela tem 70 anos... meu deus... aí marta... eu vou já completar 70 anos... quem chegou aqui com 18 é maranhense... eu sou maranhense... e já recebi meu título de cidadã balsense...

Fonte: Grupo de Pesquisa PLANI (2024)

Marina, por exemplo, afirma na alinha 963 "quem chegou aqui com 18 é maranhense, eu sou maranhense, e já recebi meu título de cidadã balsense" e completa ao dizer que não consegue permanecer no Sul por muito tempo, pois "o meu lugar é aqui". Esse testemunho evidencia que o processo de migração não significou apenas adaptação, mas também ressignificação identitária, confirmando a observação de que o pertencimento está ligado à "identidade cultural que abrange hábitos, crenças e tradições ligadas ao cotidiano" (Piovesan; Mira, 2020, p. 147).

De modo semelhante, Túlio e Celina destacam: "Eu não voltaria para morar no Sul. Aqui é nosso lugar. Já somos bem recebidos aqui, filhos, netos, bisnetos". Essa declaração reforça o argumento de que as narrativas orais funcionam como *locus* de afirmação de identidades sociais, na medida em que "as histórias narradas refletem o mundo, ou as formas como os sujeitos querem ser vistos, viabilizando um universo semântico produzido pela concretude das imagens criadas pela linguagem" (Piovesan; Mira, 2020, p. 149).

Excerto 6

403	Marta	seu Túlio... o senhor voltaria para o sul
404 405	Túlio	não... não... não vai porque daqui em setembro... jamais aqui... passear sim mas demorar dia nove dia dez com gelo... com dois graus... frio frio frio frio... para morar então não
406	Marta	dona Celina
407 408 409 410 411	Celina	não voltaria para morar nunca... passear sim mas morar... vai querer dizer que o Brasil é bom nas cidades... lá é muito bom... mas lá em janeiro é pior que aqui de calor você não aguenta... e o frio na época do frio é frio...porque a gente se adaptou aqui... já está bem acostumada quarenta e oito anos né...então voltar lá pegar o frio o calor... aí não dá... é mais longe frio... por aí mas... é maio abril maio

Fonte: Grupo de Pesquisa PLANI (2024)

Os marcadores discursivos, as repetições enfáticas: "...não... não... não..." reforçam a certeza da negativa que jamais voltariam. Como também "frio... frio... frio... frio" dá ênfase na intensidade do clima e o pertencimento ao lugar onde faz calor.

O sentimento de pertencimento se consolida quando a narradora diz "a gente se adaptou aqui já está bem acostumada quarenta e oito anos né", isso evidencia uma adaptação consolidada, um enraizamento e construção de identidade no novo espaço.

Ao utilizar a expressão "passear sim... mas morar não" , a narradora expressa que mantém um valor afetivo com o passado, mas não como espaço de pertencimento. A valorização da nova terra sugere que o pertencimento está ligado ao fato de já terem se estabelecido e se acostumado com o Cerrado, onde construíram sua vida.

Portanto, observa-se que as experiências relatadas pelos migrantes não se restringem a trajetórias individuais, mas configuram um processo coletivo de enraizamento e pertencimento. As narrativas revelam que a identificação com o território balsense se constrói pela vivência compartilhada, pela aceitação social e pela criação de vínculos intergeracionais. Assim, como afirmam os autores, o sentimento de pertencimento é resultado da "articulação da união entre a identidade territorial e a identidade cultural" (Piovesan; Mira, 2020, p. 147), o que se confirma plenamente nos testemunhos analisados.

O sentimento de pertencimento em narrativas de migração envolve o reconhecimento de laços afetivos e sociais que conectam o indivíduo ao novo território. Esse vínculo não se limita à posse material ou à permanência física, mas se expressa na forma como o migrante se percebe inserido nas dinâmicas culturais e comunitárias do lugar (Hall, 2006). A fala de Bia, migrante da década de 1980 a 1990, revela como a vivência prolongada em Balsas, a participação na vida cotidiana e o enraizamento familiar contribuíram para a consolidação desse sentimento.

Excerto 7

242	Marta	certo... e hoje você se diz balsense ou sulista?
243 244 245 246	Bia	balsense... balsense... eu sou maranhense... dizem que eu sou catarinense...mas dizem que eu sou gaúcha... diz maraúcha... mas eu sou balsense... eu me sinto daqui... meus dois filhos se casaram com as esposas aqui do Maranhão... meus netos já são maranhenses... balsenses... então... tenho quatro netos lindos... lindos... lindos...

Fonte: Grupo de Pesquisa PLANI (2025).

Aqui, o sentimento de pertencimento é explicitado pela afirmação da identidade como "balsense" e "maranhense". Os marcadores de repetição "balsense... balsense..." (linha 243) reforçam a ênfase identitária. O marcador "mas", na linha 245, introduz contraste entre o que os outros dizem e o que ela afirma ser. O uso de "então", linha 247, sinaliza conclusão e efeito lógico de sua narrativa "meus netos já são maranhenses... então, tenho quatro netos lindos". O recurso avaliativo aparece também no triplo adjetivo "lindos... lindos... lindos", na linha 248, carregado de afetividade.

A narradora redefine sua identidade, na linha 243, "eu sou maranhense" e reforça o pertencimento familiar e comunitário, mostrando como sua identidade foi ressignificada ao longo do tempo.

O termo "maraúcha", na linha 245, mencionado por Bia, é bastante significativo. Ele mistura "maranhense" e "gaúcha", funcionando como um marcador identitário híbrido. Essa expressão mostra de forma espontânea como as fronteiras entre as identidades se tornam fluidas e como a narradora se percebe integrada ao novo espaço sem perder completamente suas origens. Trata-se de uma representação clara do que Hall (2006) chama de identidade em processo, sempre marcada por deslocamentos e novas combinações. Assim, o uso desse termo revela a criatividade linguística como forma de nomear e afirmar a própria condição migrante.

Construções Identitárias

A construção da identidade dos migrantes no sul do Maranhão se revela como um processo dinâmico, marcado por relações culturais, coletivas e individuais. Stuart Hall (2006, p. 13) aponta que "a identidade não é algo fixo ou doado, mas uma produção em constante movimento, na qual o tempo, a história e os encontros são capazes de modificá-la". No caso dos migrantes que chegaram a Balsas a partir da década de 1970, a identidade se reconfigurou em meio ao diálogo entre as tradições trazidas do Sul e a convivência com a cultura maranhense.

As narrativas orais são fundamentais para compreender essa transformação. Como aponta Hall (2006, p. 13), a identidade não deve ser entendida como algo fixo, mas como um processo em constante transformação, que se redefine continuamente a partir das formas pelas quais os sujeitos são representados e reconhecidos dentro dos sistemas culturais em que estão inseridos. Isso se evidencia nos depoimentos dos migrantes, em que a identidade é afirmada pela forma como se reconhecem no presente. Um aspecto central a ser observado nos relatos é o uso dos marcadores discursivos, que, além de estruturarem a oralidade, revelam as estratégias de construção identitária em curso

Excerto 8

366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382	Laura	bom... eu tenho assim em poucas palavras... eu posso dizer que hoje eu sou uma mulher sulista que nasceu lá... mas eu sou uma mulher que me integrei um::::ito bem... sou uma pessoa realizada... até porque eu vejo o sucesso da minha família... dos meus filhos que adotaram... e para uma mãe e uma esposa e mãe depois.... o que é que eu poderia... qual seria a maior felicidade saber que eles estão bem... que se adaptaram... que estão no comércio... que estão assim com o conceito... uma moral... não tem nem explicação... né? eles cresceram... evoluíram muito... e hoje estão aí em destaque... posso... com certeza.... eu posso assinar embaixo que eu estou falando... né? porque eu como mulher assim... eu sou uma mulher que me adaptei perfeitamente hoje no Maranhão... eu falo em geral porque eu fiquei... morei 10 anos aqui... mas o restante já em São Luís... 30 e poucos anos... Maranhão é uma cultura maravilhosa... a mulher gosta de trabalhar com... digamos assim... com cardápios e eu... eu sempre elogio... embora o cardápio... as comidas típicas aqui do Maranhão são fantásticas... aqui em Balsas tem a forma de fazer os pratos... São Luís já é mais... frutos do mar... é isso tudo... vai agregando e realizando a mulher sulista que desconhecia esses valores... né? eu sou uma mulher realizada... ah ... bom... uma maraúcha...e fazer novas amizades... agora mudei de endereço... então tudo vai agregando para melhor... não é?

Fonte: Grupo de Pesquisa PLANI (2024)

Em outro momento, ao afirmar “eu sou uma mulher realizada... ah ... bom... uma maraúcha” na linha 381, Laura utiliza o termo como marcador identitário, que não apenas nomeia, mas performa a fusão entre as duas origens culturais. O uso dessa palavra mostra como o discurso reelabora a condição migrante: não mais gaúcha pura, nem maranhense apenas, mas uma identidade reinventada, mestiça, que se traduz linguisticamente em um novo signo cultural.

A construção identitária dos migrantes é um processo contínuo de negociação entre o lugar de origem e o de destino, marcado pela incorporação de elementos culturais, sociais e linguísticos do novo contexto. No caso de Laura, suas narrativas revelam como a convivência prolongada em Balsas possibilitou a fusão de tradições, hábitos e formas de falar, criando um sentimento de pertencimento que coexiste com suas raízes sulistas. De Fina (2015) reforça que o discurso narrativo é um espaço privilegiado para compreender essas construções, pois nele emergem posicionamentos, lembranças e práticas que conectam passado e presente, “lá” e “aqui”. Dessa forma, os excertos selecionados evidenciam não apenas a adaptação, mas

a consolidação de uma identidade que se reconhece como parte integrante da comunidade maranhense.

Em resumo, as narrativas revelam que a identidade dos migrantes é construída não apenas pelo conteúdo das memórias, mas também pela forma discursiva com que são narradas. Os marcadores discursivos cumprem papel central nessa construção: estruturam a oralidade, pedem confirmação, estabelecem cumplicidade, reforçam memórias e organizam sequências narrativas. Como argumenta Marcuschi (2003, p. 5), os sujeitos constroem suas realidades discursivamente, e no caso dos migrantes em Balsas, essa construção se manifesta tanto nas escolhas lexicais quanto no uso recorrente de marcadores que revelam uma identidade processual, híbrida e em constante negociação.

CONCLUSÃO

A análise das narrativas dos migrantes sulistas que chegaram ao Cerrado Sul Maranhense entre as décadas de 1970 a 1990 permitiu compreender que a migração não se limita a um processo de deslocamento geográfico, mas constitui, sobretudo, uma experiência de (re) construção identitária. As memórias da partida, os desafios da adaptação, o estabelecimento de laços de pertencimento e a ressignificação cultural revelam que as identidades desses sujeitos foram moldadas em um constante diálogo entre tradição e transformação.

As narrativas evidenciaram que, embora marcadas por perdas materiais, dificuldades emocionais e estranhamentos culturais, as trajetórias migratórias foram igualmente permeadas por estratégias de resistência, solidariedade e reelaboração de sentidos. A linguagem, nesse contexto, mostrou-se não apenas um instrumento de comunicação, mas também um espaço de negociação simbólica, no qual se inscrevem as marcas da memória coletiva e da identidade social.

A comparação entre as narrativas dos oito participantes da pesquisa — quatro migrantes que chegaram ao Cerrado Sul Maranhense entre as décadas de 1970 e 1980 e quatro que se estabeleceram na região entre as décadas de 1980 e 1990 — revelou mais semelhanças do que diferenças em suas experiências migratórias. Embora os contextos históricos apresentassem algumas particularidades, os relatos convergem na ênfase atribuída às dificuldades enfrentadas durante o processo de migração, especialmente aquelas relacionadas às condições precárias de infraestrutura, às limitações de acesso a serviços básicos, às incertezas econômicas e aos desafios de adaptação sociocultural. Em ambos os grupos, a superação desses obstáculos aparece como elemento constitutivo das trajetórias de vida e da construção identitária dos migrantes. Assim, independentemente do período de chegada, as narrativas evidenciam experiências marcadas pela resistência, pelo trabalho e pela busca de melhores condições de vida, reforçando a ideia de que a identidade migrante foi forjada a partir de desafios compartilhados e de processos semelhantes de pertencimento e enraizamento no território balsense.

Constatou-se, ainda, que o sentimento de pertencimento ao território balsense emergiu como elemento central para a constituição identitária dos migrantes e de seus descendentes. A convivência com a comunidade local, o entrecruzamento de práticas culturais e a valorização das experiências compartilhadas possibilitaram a formação de uma identidade híbrida, processual e inacabada, que reafirma a condição dinâmica do ser migrante.

A pesquisa conclui que houve uma redefinição identitária do migrante: se antes havia vínculos com a terra de origem, agora há uma clara desidentificação (“não se identifica mais de fazer aquilo...”) e uma valorização absoluta da nova terra (Balsas). O discurso é marcado por repetições, intensificadores e negações enfáticas que reforçam a argumentação e traduzem um sentimento de pertencimento consolidado. A identidade do migrante se constrói, assim, na intersecção entre memória da terra deixada e orgulho do espaço conquistado, onde tecnologia, produção agrícola e solidariedade comunitária garantem estabilidade e reconhecimento.

Dessa forma, conclui-se que as histórias de vida dos migrantes sulistas em Balsas ultrapassam o caráter individual e configuram um fenômeno coletivo de enraizamento, resistência e transformação. As identidades construídas não são fixas, mas plurais e abertas, resultado de um processo contínuo de negociação entre passado e presente. Assim, o estudo confirma a relevância das narrativas como dispositivos essenciais para compreender a complexidade da experiência migratória e para reconhecer os sujeitos como protagonistas das próprias histórias.

Embora os resultados obtidos tenham permitido compreender aspectos relevantes da construção identitária de migrantes sulistas estabelecidos no Cerrado Sul Maranhense, nas décadas de 1970 a 1990, é preciso ampliar o estudo para décadas mais recentes, o que o Grupo de Pesquisa PLANI já está realizando. Além disso, futuras pesquisas poderão ampliar o número de participantes, incorporando migração feminina e descendentes migrantes, buscando compreender como os processos de pertencimento, memória e identidade são transmitidos e ressignificados entre as gerações. Outra possibilidade consiste na realização de estudos comparativos entre diferentes fluxos migratórios para a região, incluindo migrantes de outras áreas do Brasil, a fim de identificar aproximações e especificidades nos processos de adaptação sociocultural e construção identitária. Por fim, pesquisas de natureza interdisciplinar, articulando Linguística Aplicada, Sociolinguística, História, Antropologia e Estudos Culturais, poderão contribuir para uma compreensão ainda mais abrangente das relações entre migração, linguagem, memória e identidade no contexto do Cerrado Sul Maranhense.

REFERÊNCIAS

BASTOS, L. C.; SANTOS; Willian Soares. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa. perspectivas em análise da narrativa e da interação.** Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

BAMBERG, M. **Positioning with Davie Hogan: stories, tellings, and identities**. In: DAIUTE, C.; LIGHTFOOT, C. (ed.). Narrative analysis: studying the development of individuals in society. London: Sage, 2004. p. 135-157.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão**. São Luís: SECMA, 1992.

COELHO NETO, E. **História do Sul do Maranhão: terra, vida, homens e acontecimentos**. Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1979

DE FINA, Anna. GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **The Handbook of Narrative Analysis**. John Wiley & Sons, Inc. Published, 2012.

DE FINA, Anna**. Group identity, narrative and self representation**. In: A. De Fina, D. Schiffrin and M. Bamberg (eds.). Discourse and Identity, 351-375. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLANNERY, Mércia S. **De "Grandes" a Pequenas Estórias: contribuições de uma nova perspectiva para a análise da narrativa.** Porto Alegre. Revista Investigações, Vol. 23, nº 2, p.117, Julho /2011.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2016: Rio de Janeiro, 2016a. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/balsas/panorama. Acesso em: 25 nov. 2025.

JOVCHELOVITCH; BAUER. **Entrevista Narrativa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL George. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

LINDE, C. **Life stories**. New York: Oxford University Press, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação.** São Paulo: Ática, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

MODAN, G. **Positioning the interviewer: Strategic uses of embedded orientation in interview narratives**. Language in Society, n. 40, p.13–25, 2011.

MONDADA, L. **A entrevista como acontecimento interacional: abordagem linguística e interacional**. RUA, n. 3, 1997.

PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (org.). Lingua(gem) e identidade. Campinas: Mercado das Letras, 2006. p. 89-111.

PIOVESAN, M.H.F. ; MIRA, C. **As construções identitárias em narrativas sobre migração no sul do Maranhão.** In Líng. e Instrum. Linguíst.,Campinas, SP,v. 23, n. 46, p. 130-151, jul./dez. 2020.

ROLLEMBERG, Ana T. V. M. **Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados.**in: BASTOS; SANTOS. A Entrevista na Pesquisa Qualitativa. Perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.